

POR UM OUTRO ENSINO DE GEOGRAFIA: DA CONFECÇÃO DE FANZINES ATÉ UMA "OUTRA GLOBALIZAÇÃO"

Gabriela Calvette Cesar

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

gabriela13blu@gmail.com

Marina Coelho Rosa e Silva

marinacrs@gmail.com

Introdução

O Ensino de Geografia tem como desafio proporcionar aos alunos a capacidade de leituras do mundo, fazendo relações destes processos com o seu cotidiano para perceber-se participantes das transformações do espaço. É importante que durante as aulas de geografia nós possamos apresentar aos alunos diferentes formas de experimentar o mundo, seja com filmes, músicas ou poesias, abordando diferentes possibilidades de construir o conhecimento para que não se prendam apenas a materiais convencionais como os livros didáticos.

Como parte da nossa formação acadêmica Geografia-Licenciatura iniciamos no primeiro semestre de 2017, na sétima fase, a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, que tem como objetivo a formação de um educador e pesquisador em geografia em campo. Os estágios I e II estavam mais relacionados a conhecer o cotidiano escolar assim como a turma de atuação, passando mais tempo dentro da escola para compreender melhor todos elementos presentes na instituição de ensino. E no estágio III a proposta é mais aberta, com o objetivo da elaboração e desenvolvimento de projetos ou oficinas em espaços formais ou não formais de educação, permitindo que as atividades realizadas fossem ou não relacionadas diretamente com o currículo de geografia.

Nosso campo de pesquisa e atuação aconteceu no Instituto Estadual de Educação (I.E.E.), localizado no centro de Florianópolis - Santa Catarina, considerada a maior escola do estado atendendo alunos de todo o município e da sua região metropolitana. As atividades de observação e oficina foram realizadas com a turma 252 nas aulas de Geografia da professora regente da turma, Solange.

A turma em questão faz parte do projeto do Governo Federal denominado "Ensino Médio Inovador", no qual o principal objetivo é oportunizar ao adolescente e ao jovem a ampliação do tempo escolar, garantindo a formação integral com a inserção de atividades que tornem o currículo mais integrado e dinâmico, com conteúdos curriculares organizados a partir de um planejamento interdisciplinar. Por aderir a esse projeto a turma 252 tem 3 aulas de 45 minutos por semana destinadas a disciplina de geografia, diferente das duas aulas existentes no ensino regular.

Buscando nos aproximar da realidade dos alunos desenvolvemos uma oficina que utilizasse diferentes linguagens, como o áudio visual, que foi usado para apresentar uma série, onde tratamos de temas relevantes sobre o uso de tecnologias em nossas vidas. Empregamos esses recursos sabendo que são amplamente utilizados pelos jovens, e para assim também nos aproximarmos dos conceitos de uma outra globalização

proposta pelo geógrafo Milton Santos, e pensando em desenvolver novas formas de linguagem dentro de sala finalizamos a oficina com a confecção de Fanzines.

PERÍODO DE OBSERVAÇÃO

Estivemos presentes em sala durante 3 semanas, entre os meses de maio e junho de 2017. Durante a primeira semana observamos o andamento das aulas e os conteúdos ministrados. Antes de iniciarmos a observação, nos reunimos com a professora Solange para discutir o tema que seria abordado nas oficinas, o assunto que nos foi passado era sobre a Globalização, redes de produção e fluxo de capital, que era o assunto que ela estava passando naquele momento para os alunos.

Quando iniciamos a observação não sabíamos ao certo qual seria a nossa intervenção, pois queríamos de alguma forma dar continuidade ao conteúdo ministrado por ela. A professora já havia ministrado as aulas sobre globalização, e dava continuidade ao assunto, os alunos participavam da aula pontualmente, mas não demonstravam um grande interesse, mesmo sendo assuntos que envolvem nosso cotidiano em um mundo globalizado.

Durante as aulas, a professora Solange fazia constantes intervenções no sentido de pedir para os alunos guardarem os aparelhos celulares, apontando para um cartaz pendurado ao lado do quadro onde estava escrito a lei estadual Nº 14.363, de 25 de janeiro de 2008 que proíbe a utilização desses aparelhos em sala de aula em escolas públicas e privadas de Santa Catarina.

Mesmo com a intervenção da professora os alunos estavam sempre com o celular na mão como se fosse uma extensão dos braços, e com ele tiravam fotos, usavam redes sociais e ouviam músicas. Assim percebemos a forte influência que o uso das tecnologias tem sobre os alunos e sobre nós mesmos, afinal sempre estávamos com nossos celulares em cima da mesa, ou muito perto durante a observação das aulas.

A partir da observação do nosso próprio comportamento, dos alunos, da professora e do conteúdo ministrado nas aulas de geografia, partimos para a ideia de produzir uma oficina pensando em trazer para o foco da aula esse aparelho que era proibido, mas que mesmo assim estava muito presente na vivência de todos.

ANALISE DOS QUESTIONÁRIOS

No último dia das observações aplicamos um questionário (figura 1) que seria a base para o formato que faríamos a oficina, nele perguntamos se possuíam um Smartphone, para o que usavam ele, quais redes sociais possuía, quanto tempo passava com ele e se conseguiam relacionar com conteúdos geográficos.

Questionário Estágio 2017.1

Estagiárias: Gabriela Calvette Cesar e Marina Coelho Rosa e Silva

Idade:

Onde Mora:

Você possui Smartphone pessoal?

Sim

Não

Desde que idade você possui um Smartphone?

Para que você utiliza as celular e as redes sociais?

Quais redes sociais você utiliza com mais frequência?

Em média quantas horas por dia você passa utilizando o celular?

Você consegue relacionar conteúdos geográficos com o celular?

De 38 alunos, 28 responderam ao questionário, e a partir das respostas dos alunos o que constatamos é que apenas um dos alunos da turma que respondeu ao questionário não possui um smartphone no momento. Todos os outros 27 alunos possuíam um, e dentre os aplicativos mais utilizados estão o Facebook, Instagram, Whatsapp, Twitter e Google.

Os alunos utilizam o celular para pesquisas no google, para comunicação, entretenimento, como ouvir músicas e jogos, para chamadas, despertador e etc. segundo eles o tempo médio que utilizam o celular está entre 4h e 6h, com exceção de alguns que disseram que usam *“desde o momento que acordam até ir dormir”*.

Então podemos perceber a partir da análise desses questionários é que o celular, e especialmente o smartphone, está muito presente na vida dos alunos, assim como nas nossas. Passando a ser o nosso principal meio de comunicação. Ação essa que a partir do mundo globalizado, permitiu que a nossa sociedade tenha essa constante presença dos meios de comunicação, onde estamos conectados 100% do tempo com o mundo inteiro.

Após a análise dos questionários, decidimos então focar nos smartphones, e como eles influenciam na nossa vida. Os aparelhos smartphones e a utilização das tecnologias e a sua produção industrial no mundo hoje, foi o ponto de partida para a construção da oficina sobre globalização.

REFERENCIAS QUE NOS AJUDARAM A PENSAR NA PRATICA DOCENTE

A globalização é o processo de interligação e interdependência entre as diferentes sociedades e resulta em uma intensificação das relações comerciais, econômicas, políticas, sociais e culturais entre países, empresas e pessoas. Apesar de o termo ser de uso recente, o processo de integração global entre os países se inicia com a expansão do capitalismo comercial no século XV, no período das Grandes Navegações. Mas é com o avanço e expansão do capitalismo financeiro, a partir da década de 1970, que se intensifica o processo de globalização (SANTOS, 1998), através da quebra de fronteiras com a melhoria dos transportes e a avançada tecnologia, transformando o mundo em uma aldeia global, onde todos estão conectados, como é dito popularmente.

Milton Santos (2001) em sua obra "Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal", onde o autor analisa o fenômeno criticando a existência de um único mundo globalizado, descrevendo a existência de pelo menos três mundos: O mundo globalizado visto como fábula, que é aquele que se apresenta como verdade, o "mundo tal como nos fazem crer"; O mundo globalizado visto como perversidade, que é o "mundo como é", com suas mazelas resultadas do sistema capitalista, gerando comportamentos competitivos, fome, desemprego, pobreza e todas as mazelas da desigualdade social causadas pela valorização de grupos sociais hegemônicos; O terceiro mundo descrito pelo autor seria uma possibilidade, o mundo como ele pode ser, uma "outra Globalização".

Pensado que as mesmas bases materiais que fundamentam a atual Globalização (os avanços tecnológicos, por exemplo) sejam colocadas a serviço de novos fundamentos políticos e sociais, servindo a outros objetivos e não apenas as perversidades do capitalismo. Para o autor, um indicativo da possibilidade de mudanças é o conceito de sociodiversidade que seria a grande mistura de povos, raças, culturas e gostos.

De fato, no mundo em que vivemos atualmente, a globalização tem diversas faces e nas oficinas realizadas o que abordamos em relação a globalização foi a questão do uso de tecnologias a partir dos aparelhos Smartphones e das redes sociais, que vem intrínsecos a eles. Vivemos em mundo onde grande parte da população está conectada através dessas tecnologias, existem smartphones mais básicos e acessíveis, até os "top de linha", que são os mais caros no mercado.

Nesse sentido da tecnologia Michel Serres (2013) vem tratar disso no seu livro intitulado “Polegarzinha”, em referência aos ágeis polegares utilizados pelos jovens da atualidade para digitar nos celulares. Ele fala que a realidade mudou de forma significativa, e que os jovens de hoje já não vivenciam mais o que os pais vivenciaram, que hoje eles vivem em um mundo multicultural, e vivenciam outra história em um tempo marcado pela influência da mídia.

Essas crianças, então, habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. (SERRES, 2013, p. 19)

De fato, hoje, esses jovens já não procuram mais o saber nas bibliotecas e livros já previamente organizados, e sim na internet, na máquina a sua frente. Esse conhecimento agora circula pelas redes, emitido e compartilhado por milhares de seres anônimos.

Como tratamos do conceito de globalização e sobre os fluxos de informação, e como isso hoje em dia está muito ligado a imagem, buscamos em sala de aula utilizar uma outra forma de se vincular a informação. Nesse sentido, além de abordar o conceito de globalização propomos uma atividade de pesquisa, onde o produto final deste processo seria a confecção de fanzines. Esses fanzines se aproximam a ideia de Milton Santos sobre as possibilidades que temos em um mundo globalizado imerso em perversidades, cabe a nós buscarmos alternativas a esse mundo, trazendo novas formas de vincular imagens e informação a educação.

Os fanzines surgiram junto aos grandes movimentos de contracultura da década de 1970, mais especificamente no movimento punk da Inglaterra. Seu nome surge da contração das palavras em inglês fanatic (fã) e magazine (revista). Falavam de bandas do cenário punk; posteriormente, evoluíram para assuntos como política, literatura, sexo, quadrinhos, poesias, feminismo, jornalismo investigativo e tudo aquilo que era informação que não estava sendo difundida na mídia tradicional. (FRANCO, 2010, p. 21).

A intenção de propor a confecção de enquanto uma ferramenta pedagógica alternativa, se comparando aos padrões de materiais didáticos tradicionais, principalmente pelo livro didático e suas imagens que acabam se repetindo e não fugindo dos clichês.

Optamos pelo fanzine justamente por ser uma forma alternativa de se vincular informação, elaborada e reproduzida de maneira artesanal que tem como características básicas a liberdade de expressão, de temas e formatos variados, com a utilização de imagens de revistas e jornais de forma a dar outro sentido a essas imagens comerciais que são vinculadas as grandes mídias. Sua montagem não obedece aos padrões, podem ser de diferentes tamanhos, utilizando poesias, colagens, desenhos, quadrinhos e músicas na sua composição.

OFICINA

No primeiro encontro com os alunos, como já haviam tratado sobre o tema globalização, escrevemos no quadro a palavra Globalização, e fizemos um mapa mental, onde cada aluno falava palavras que lembrassem e que se relacionassem com o tema central da globalização. Foi citado: Economia, Transporte, modelo econômico, capitalismo entre outros. Em seguida avisamos que iríamos passar um episódio da série

“Black Mirror” intitulado “Nosedive”, produzido no ano de 2016, pela empresa Netflix, e pedimos para que eles, durante a exibição, pensassem e tentassem relacionar os conceitos citados com o enredo e o tema central do episódio.

Utilizamos como ferramenta o áudio visual para dar início a exibição da série de ficção “Black Mirror”, que tem origem britânica, e foi criada por Charlie Brooker, onde os temas circulam entre os usos de tecnologias pela sociedade moderna e suas possíveis consequências.

O episódio mostra um futuro não tão distante, onde a convivência das pessoas se baseia basicamente na avaliação das ações que acontecem ao seu redor, como suas experiências, comidas, serviços prestados e etc, as notas são entre 0 e 5, onde cada pontuação te coloca em um patamar da sociedade, e suas ações geram consequências nas notas que os outros te darão. Quanto maior a nota, mais oportunidades você tem dentro dessa sociedade, que geram vantagens e desvantagens. Então as pessoas passam a viver em busca da perfeição, mesmo que não seja real, para obter notas sempre mais altas.

Apesar de ser uma realidade ainda um pouco distante da nossa, o episódio se aproxima no sentido da utilização das redes sociais e na manutenção de um status social através dela, principalmente pelo público adolescente que faz o uso dessas tecnologias constantemente, como pudemos perceber durante as aulas e nas respostas dos questionários aplicados. Após a exibição do episódio fizemos uma breve discussão com os alunos, onde apontamos os assuntos chave, para podermos introduzir a atividade que seria confeccionada na oficina.

A primeira parte da oficina se deu na sala de informática, onde levamos os alunos para realizar uma pesquisa em grupo sobre uma marca de celular. Eles deveriam fazer a pesquisa a partir de uma base de perguntas que entregamos, onde deveriam encontrar dados sobre a origem da marca, de onde vem, onde é fabricado o produto, quais as principais matérias primas, para onde é vendido, assim como um aplicativo de celular que fosse um meio de pesquisa e comunicação e suas origens.

A segunda parte da oficina foi realizada no laboratório de geografia, onde eles deveriam confeccionar um “fanzine” a partir da pesquisa realizada na sala de informática. Levamos revistas, lápis de cor, e outros materiais para auxiliar na produção dos fanzines, e orientamos os alunos de modo que deveriam especializar a sua pesquisa da maneira que achassem mais interessante, deixando livre para eles usarem sua criatividade.

O último dia de oficina foi a socialização e apresentação dos fanzines, onde cada grupo teve que apresentar qual era a marca que escolheram, de alguma forma responder as perguntas da pesquisa e explicar como foi o processo de produção do material. Para finalizar fizemos uma breve conversa, para contextualizar o motivo da pesquisa, e a relação com o assunto globalização e o episódio que passamos a eles.

Podemos observar nas figuras 2, 3 e 4 o resultado da confecção dos fanzines produzidos pelos alunos:

Figura 2

19 que é GLOBALIZAÇÃO?

1ª fase: 1600 com os portugueses

Globalização gera aculturação!

Capitalismo desbota o planeta.

Interligação de economias

Smartphones (ver mais)

Fusão de culturas

Lucro vale mais do que uma vida?

Imigrações são uma consequência da Globalização?

Tigres Asiáticos

Rede de informações

1º dia do Saturno V acelerou imagens por dez segundos, antes de se coltar torre de lançamento e rumar para o espaço

Nome: Henrique, Mariana Oliveira, Mariana Xavier, Natália, Sofia e Thaís. Turma: 262

Figura 3

TV Digital

Smart-phones são a principal arma da globalização

Produzidos em países de baixo IDH, e sem leis trabalhistas.

Um dos tigres asiáticos.

Coréia do Sul

Economia consequente da Globalização.

Dinheiro move a Globalização

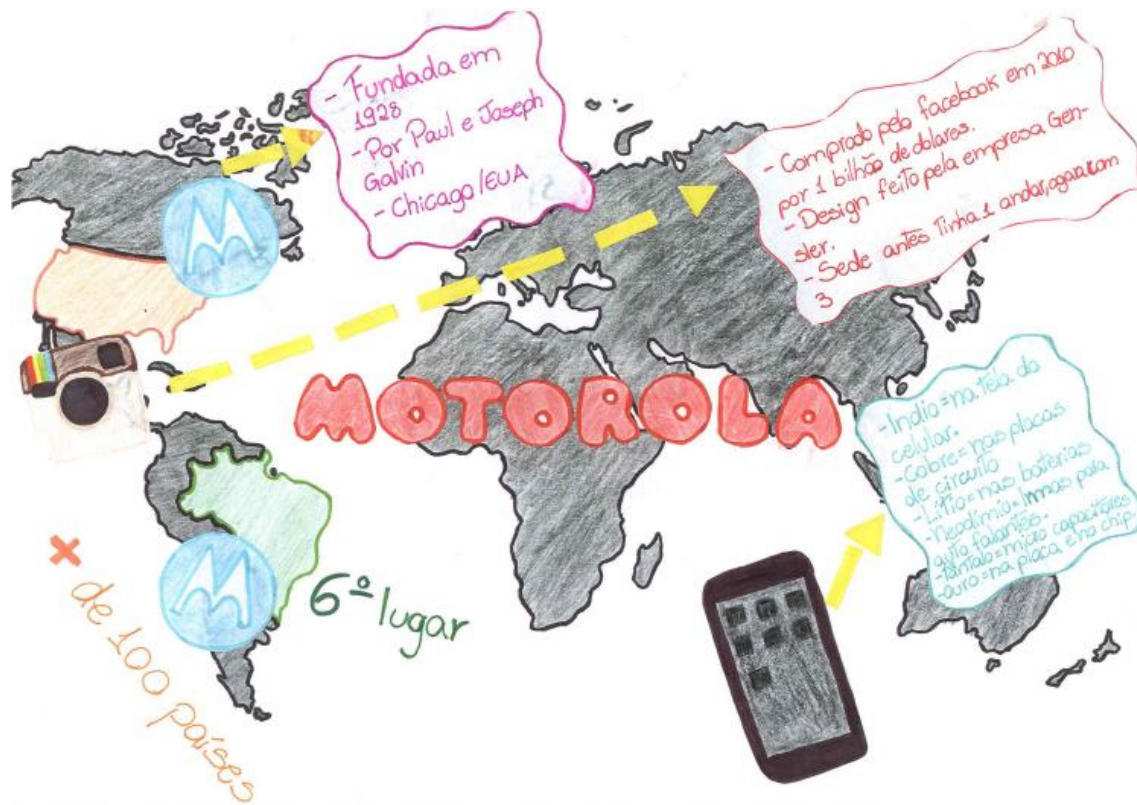
Você pode usar seu celular para usar o Spotify

→ Lítio

→ Cobre

→ Dinheiro move a Globalização

Figura 4



No momento da confecção dos fanzines alguns alunos ficaram em dúvida de como fazer a atividade, mesmo após termos explicado como poderia ser feito, e ter mostrado alguns exemplos de fanzine. Durante a produção essas dificuldades foram superadas, muitos vinham nos buscar para tirar dúvidas, pedir ajuda, e sempre tentávamos estimulá-los de forma que eles conseguissem criar algo a partir de suas ideias. Um grupo, por exemplo, ao constatar que estava muito difícil localizar a letra K nas revistas para utilizar na palavra Nokia, surgiu com a ideia de utilizar a letra Q no lugar, todos colegas deram risadas dizendo que estaria errado, e com o receio do resto da turma chamá-los de “burros”, ou que não sabem escrever. Foi então que explicamos que como a letra K não é uma letra usual do nosso alfabeto, pois é mais próxima do inglês, mostrando uma forma de globalização e dominação cultural através da linguagem. Para solucionar a questão propomos que utilizassem a letra Q, para assim abrasileirar a palavra como uma forma de resistência a globalização perversa, aquela que não leva em consideração as individualidades culturais dos países. Sendo assim uma forma de escrever por uma outra globalização, uma outra possibilidade.

A representação através de mapas também apareceu algumas vezes nos trabalhos, por ser uma imagem muito utilizada nas aulas de geografia para localização. Porém nos fanzines produzidos os mapas foram além da representação e localização, onde os alunos passam a ser os produtores dessa cartografia, escolhendo a forma de desenhar, destacar, contornar países e continentes ou até dar outro significado para uma representação cartográfica pronta retirada das revistas, que foi produzida para outros objetivos.

IMPRESSÕES FINAIS

Ao fim das oficinas, pudemos constatar que elas foram bem-sucedidas, pois houve grande aceitação dos alunos ao tema e a forma como foi abordado e aplicado, apesar dos imprevistos que ocorreram pelo caminho. O objetivo dessa oficina foi fixar o assunto de globalização e a questão dos celulares, também para que eles percebessem os fluxos que esses produtos geram na nossa sociedade, desde o modo que são feitos, até os aplicativos que tanto usamos no dia a dia, que de certa forma nos unem e nos afastam ao mesmo tempo, das pessoas ao redor do mundo.

Utilizar a ferramenta do fanzine como alternativa de produção de imagens em sala de aula vem ao encontro dos conceitos de uma outra globalização proposta por Milton Santos. A globalização como fábula e perversidade, que trata da monopolização mundial dos fluxos de informação, que chega a influenciar até mesmo na padronização de imagens vinculadas nos livros didáticos, que muitas vezes são os únicos livros que os alunos de escola pública têm acesso.

Ao possibilitar que os alunos produzam a informação através da confecção do fanzine, é também propor uma outra forma de vincular o conhecimento, seguindo na linha de uma outra possibilidade de mundo e de globalização, que respeita e valoriza a sociodiversidade e individualidades que foi proposta por Milton Santos.

Então ao tratar de um outro mundo como ele pode ser, e uma outra globalização, devemos também modificar nossa forma de atuação em sala de aula, propondo atividades onde os alunos são proponentes da informação. Trazendo à tona também a possibilidade da experiência, com a confecção dos fanzines.

Referências:

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHUR, Michael; JONES, Rashida. Nosedive. In: BROOKER, Charlie. **Black Mirror**. Reino Unido. House of Tomorrow. 2016.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. (Trad. Jorge Bastos) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 96 p.